

XADREZ PRA ALÉM DA CHUVA

Maicon Anderson Elias Amancio

Resumo: o xadrez tem sido ensinado em sua grande parte de forma errônea, quando ensinado. Quando não é apenas ofertado como simples jogo em dias de chuva. O presente artigo pretende mostrar a importância do xadrez como conteúdo da educação física e suas ligações com as funções psicológicas superiores, para que se possa compreender um pouco da importância do mesmo no ambiente escolar.

Palavras-chaves: consciência humana; funções psicológicas superiores; xadrez.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema ocorreu pelo xadrez ser um jogo que fez parte da minha vida, como aluno, acadêmico e professor. Ao longo de todo o processo pedagógico pude perceber que o xadrez era tratado muitas vezes como mais um dos jogos para o dia de chuva, que não era inserido no planejamento das aulas de Educação Física. Com isso, achei importante abordar o conhecimento do mesmo para tentar mostrar de que forma o xadrez pode contribuir no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Nesse sentido elaborei como tema da minha pesquisa: “Xadrez para além da chuva”. Esse tema desdobra-se então no seguinte questionamento: O xadrez contribui no desenvolvimento das funções psíquicas superiores?

Procurando responder a afirmação anterior balizei a pesquisa a partir de algumas questões norteadoras e seus consequentes objetivos. Como se constitui a formação da consciência humana? O que são as funções psicológicas superiores? Qual o conteúdo do xadrez e suas possíveis conexões com as funções psíquicas superiores?

REFERENCIAL TEÓRICO

Os tópicos a seguir mostram desde a formação da consciência humana, seguindo para as funções psicológicas superiores e terminando nos conteúdos de xadrez e suas possíveis conexões com as funções psicológicas superiores.

O desenvolvimento da consciência humana.

Podemos dizer que a consciência humana se deu ao longo de sua evolução, mas que dois fatores foram importantes para que isso pudesse acontecer.

Um deles o trabalho. “Sabe-se que a hominização dos antepassados animais dos homens se deve ao aparecimento do trabalho e, sobre esta base da sociedade.” (LEONTIEV, 2004, p. 75).

E o outro foi a necessidade da linguagem, pois “O nascimento da linguagem só pode ser compreendido em relação com a necessidade, nascida do trabalho, que os homens sentem de dizer alguma coisa” (LEONTIEV, 2004, p. 92).

De acordo com Leontiev (2004), o trabalho e a linguagem acarretaram a transformação e a hominização do cérebro, nos diferenciando dos demais animais.

Primeiro o trabalho, depois dele, a ao mesmo tempo que ele, a linguagem: tais são os dois estímulos essenciais sob a influência dos quais o cérebro de um macaco se transformou pouco a pouco num cérebro humano (ENGELS apud LEONTIEV, 2004 p. 76).

Segundo Marx (apud LEONTIEV, 2004, p. 80), o trabalho

É primeiramente um ato que se passa entre o homem e a natureza. O homem desempenha aí para com a natureza o papel de uma potencia natural. As forças de que o seu corpo é dotado, braços e pernas, cabeças e mãos, ele as põe em movimento a fim de assimilar as matérias dando-lhes uma forma útil à sua vida. Ao mesmo tempo que age por este movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele modifica a sua própria natureza também e desenvolve as faculdades que nele estão adormecidas.

Segundo Leontiev (2004), o trabalho é caracterizado por dois elementos que dependem um do outro, começando com a fabricação de instrumentos e “condições de atividade comum coletiva, de modo que o homem, no seio deste processo, não entra apenas numa relação determinada com a natureza, mas com outros homens, membros de uma dada sociedade” (LEONTIEV, 2004 p. 80). Portanto, para que houvesse o trabalho o homem precisou transformar a natureza em instrumentos. E de forma coletiva, agora com seus instrumentos, fazer a divisão do trabalho para que pudessem viver socialmente.

O trabalho humano é em contrapartida, uma atividade originalmente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe um a divisão técnica, embrionária que seja, das funções do trabalho; assim, o trabalho é uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação. (LEONTIEV, 2004 p. 81).

O segundo fator essencial para a formação da consciência humana foi a linguagem que “é a consciência prática dos homens” (MARX apud LEONTIEV, 2004, p. 92). Leontiev (2004) aponta a necessidade da linguagem para que o homem primitivo pudesse caçar. Era pela linguagem que as funções eram distribuídas a cada um do grupo, para que no final todos gozassem da caçada.

Funções psicológicas superiores.

A consciência humana foi se desenvolvendo na medida que o homem começa a transformar a natureza para se apropriar de certos elementos, que Leontiev (2004) chama de instrumentos, que foram fundamentais para a partir deles iniciar o trabalho, que “é portanto, desde a origem mediatizado simultaneamente pelo instrumento (em sentido lato) e pela sociedade” (LEONTIEV, 2004, p. 80).

Partindo do desenvolvimento da consciência humana, com o passar do tempo o homem se apropria cada vez mais desses instrumentos para criar outros instrumentos, “o homem cria neste caso produtos ideais teóricos que se transformam para ele em objetos que satisfazem as suas necessidades práticas: alimentos, vestuário, alojamento, etc.” (LEONTIEV, 2004, p. 125). O homem transformou o meio para sua necessidade, tornando-se assim mais inteligente, aumentando a “complexidade das funções humanas, a sua ‘superioridade’ em relação ao psiquismo primitivo, a partir das exigências impostas pelo metabolismo entre o homem e a natureza” (MARTINS, 2013, p. 54).

Podemos chamar essa superação de funções psicológicas superiores que

Trata-se, em primeiro lugar, de processos de domínio dos meio externos de desenvolvimento cultural e de pensamento: a linguagem, a escrita, o cálculo, desenho; e, em segundo lugar, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas com exatidão, que na psicologia tradicional se denominam atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos etc. tanto uns como outros, tomados em conjunto, formam o que qualificamos convencionalmente como processo de desenvolvimento das funções superiores de conduta da criança (VYGOTSKI apud MARTINS, 2013, p. 77, 78).

Segundo Martins (2013), o homem ao nascer possui apenas as funções psicológicas elementares, e que na convivência com o meio social e cultural a criança vai aprendendo e, conseqüentemente, desenvolvendo as funções psicológicas superiores. Pois o homem “não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender.” (SAVIANI, 1991, p. 17, 18).

Portanto as funções psicológicas superiores que são “formações culturais, implicam o domínio do homem sobre a natureza e sobre si mesmo e sustentam atividades complexas culturalmente desenvolvidas”. Elas são uma superação das funções psicológicas elementares, que por sua vez são “formas inferiores de conduta ou formas naturais de comportamentos” (MARTINS, 2013, p.107).

Como dito por Vygotski (apud MARTINS, 2013), as funções psicológicas superiores não são limitadas com exatidão. Abordaremos somente algumas delas, tais como percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento e imaginação.

Sobre a percepção Luria (apud MARTINS, 2013, p. 132) assevera:

A percepção é um produto ativo que envolve a procura de informações correspondentes, a distinção de aspectos essenciais de um objeto, a comparação desses aspectos uns com os outros, a formação de hipóteses apropriadas e a comparação, então, com os dados originais.

Para o autor, a percepção, assim como as demais funções psicológicas superiores, não é inata. Elas não nascem com o homem, elas são conquistas de um longo percurso de formação, como no caso de uma criança que, brincando com seu brinquedo, com o tempo vai percebendo sua forma, tamanho, cor, etc.

Vygotski (apud MARTINS, 2013, p.142) demonstrou

Que a atenção responde a um complexo processo de desenvolvimento, construindo-se como traço iminente do desenvolvimento cultural da humanidade, ultrapassando estágios primitivos em direção a estágios altamente organizados e complexos.

Para Vygotski (apud MARTINS, 2013, p. 154), a atenção é dividida em atenção involuntária e atenção voluntária, sendo a segunda superior a primeira.

Seu desenvolvimento se realiza não a partir da atenção em si mesma, mas do lugar que a atenção passa a ocupar em relação ao pensamento, à memória, aos afetos, etc. Ou seja, das inter-relações e interdependência funcionais requeridas pela atividade cultural. Nesse sentido seu desenvolvimento é ao mesmo tempo, produto da complexificação da vida social e condição indispensável à sua existência.

Sobre a memória, Luria (apud MARTINS, 2013, p. ???) a define como

O registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior, registro esse que dá ao homem a possibilidade de acumular informações e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocam tais vestígios.

Martins (2013) ainda destaca que existem dois tipos de memórias, a memória involuntária, como um dos componentes das funções psicológicas elementares que representa a forma primária de fixação e a memória voluntária que compõe as funções psicológicas

superiores. “Ou seja, ela institui-se como memória lógica, sendo essa aquisição um dos traços fundantes da conduta culturalmente formada.” (MARTINS, 2013 p. 165).

A linguagem, já citada anteriormente, é elemento identificador da especificidade humana e função superior:

O desenvolvimento da linguagem representa, antes de tudo, a história da formação de uma das funções mais importantes do desenvolvimento cultural, na medida em que sintetiza o acúmulo da experiência social da humanidade e os mais decisivos saltos qualitativos dos indivíduos. (VYGOTSKI apud MARTINS, 2013, p. 168).

Segundo Martins (2013), a linguagem é uma das funções culturais mais importantes do homem.

A língua representa um sistema específico de comunicação por meio da linguagem, que se estrutura por vocabulários, gramática e sistema fonológico específicos. E, finalmente, a linguagem é um sistema de signos que opera como meio de comunicação e intercâmbio entre os homens e também como instrumento da atividade intelectual. (PETROVSKI apud MARTINS, 2013, p. 167).

Vygotski, Leontiev, Smirnov, Menchinskaia e Petroviski (apud MARTINS, 2013), destacam a existência de três formas de pensamento. O pensamento efetivo ou motor vivido, que “aponta as próprias origens do pensamento, tanto do ponto de vista filogenético quanto ontogenético, quando pensamento e ação se identificam no trato das situações problemas” (MARTINS, 2013, p. 204), que é ligado à manipulação de objetos e a relação entre eles, esse pensamento se deu antes da linguagem,

O pensamento figurativo, que diferente do efetivo, “marca o primeiro salto da atividade teórica em relação ao seu desprendimento da atividade prática” (MARTINS, 2013, p. 205).

Entretanto, o pensamento figurativo permanece essencialmente concreto e subjugado à experiência sensorialmente dada. Nele, o lugar ocupado pela ação no pensamento figurativo passa a ser ocupado pela imagem sensível e seu grande avanço reside exatamente no fato de elas representarem uma importante forma de reflexo psíquico da realidade. (MARTINS, 2013, p. 205, 206)

E por fim o pensamento abstrato ou lógico discursivo, considerado como pensamento na exata expressão do termo “Ultrapassando a esfera das ações práticas e das imagens sensoriais, o pensamento abstrato apoia-se em conceitos e raciocínios abstratos operando, fundamentalmente, por mediação.” (MARTINS, 2013, p. 206)

Quanto à função da imaginação, Martins (2013) compreende que é o processo que se “desenvolve por meio de imagens.” (MARTINS, 2013, p. 226). A imaginação de certa forma cria algo novo, segundo Martins (2013, p. 233),

Se a atividade do homem se reduzisse a repetir o passado, o homem seria um ser orientado exclusivamente ao ontem e incapaz de adaptar-se a um amanhã diferente. É precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro

As funções psicológicas superiores no xadrez

O xadrez é um esporte que não tem uma origem certa, por ser um jogo tão complexo, existem apenas lendas de sua criação, a mais famosa é atribuída à Sissa, um filósofo indiano que queria acabar com o tédio do rei Kaíde e criou o xadrez. (BECKER, 1987).

Contudo o xadrez apareceu na Europa durante a Idade Média.

Foram os persas, talvez, que o levaram às regiões do Império Oriental, enquanto os árabes o difundiram pela Europa meridional e central. Em fins do século X, o xadrez árabe-persa já era conhecido e popular em diversas partes da Europa. (BECKER, 1987, p. 260).

Em sua história o xadrez já beneficiou muita gente, como no caso do enxadrista italiano Giovanni Leonardo da Cutri que venceu o primeiro torneio internacional de mestres, e sua cidade natal foi isenta de impostos durante 20 anos. (BECKER, 1987). E desde então o xadrez foi criando novos padrões, como a inserção do movimento do roque em sua atual forma, a coroação do peão e a tomada “em passant”. (CARVALHO JUNIOR, 1982).

O jogo se desenvolve em três partes importantes, início da partida, o meio e final da partida. No início da partida três coisas são fundamentais. Desenvolvimento das peças, “é preciso desenvolver rapidamente todas as peças” (BECKER, 1987, p. 84); domínio do centro, “o domínio do centro, que é a base do xadrez nas aberturas, é também o segredo de sua técnica durante a maior parte da partida.” (BECKER, 1987, p. 85); e rocar o quanto antes, “o roque deve ser realizado o mais cedo possível (...) para evitar ataques do adversário ou, pelo menos, para torna-los menos factíveis” (BECKER, 1987, p. 84). Esses três são os mais essenciais numa abertura de xadrez, tanto para se defender, como atacar o adversário, porém “todo lance deve corresponder a uma idéia, a planos definidos. Não se deve realizar nenhuma jogada sem objetivos precisos.” (BECKER, 1987, p. 84).

O estudo das partidas de xadrez desenvolveu um volume imenso de material sobre a fase de abertura e como os jogadores devem responder a determinadas sequências de lances. Essas sequências e suas variáveis recebem os nomes de seus “inventores”, menções ao local de surgimento, referências mitológicas, etc. Como exemplo temos a “Abertura Rui López”, a “Defesa Francesa”, a “Variante Draconiana”. Para os adeptos do xadrez impõe-se a necessidade de desenvolver uma memória que permita compreender os sistemas testados e respondê-los adequadamente.

Seguindo temos o meio da partida, sendo esse momento crucial e de maior estratégia no jogo, pois a atenção deve estar tanto em atacar como em defender, sem deixar o inimigo tomar vantagem. “O meio-jogo é a fase medular da partida de xadrez. A sua extraordinária complexidade, a sua infinita riqueza de pormenores e possibilidades – fogem a uma sistematização simples e eficiente.” (BECKER, 1987, p. 107). É nesse momento do jogo que as funções psicológicas superiores aparecem mais claramente, como a percepção de um ataque do inimigo, para tentar dar um mate, a atenção para não fazer jogadas desnecessárias, a imaginação para fazer jogadas “brilhantes”, o pensamento lógico que é desenvolvido durante toda a partida, a linguagem enxadrística (anotação das partidas, com anotações de símbolos e representações de lances na forma escrita), a memorização de uma partida de enxadristas famosos, que servirá como base em um determinado momento do jogo. Segundo Martins (2013, p. 166), “memória se converte em ‘parte’ interna do processo de pensamento, em memória lógica que, em última instância, representa um tipo de memória que adota métodos racionais, [...] para fixar e recordar conteúdos.”

E por fim, a terceira fase do jogo, o final, que é

O momento culminante de beleza e dificuldade: abóbada delicada que arremata e fecha a construção enxadrística. De corte sóbrio – em virtude da simplificação já operada – de aspecto fácil na aparência, o final encerra, todavia, as sutilezas mais

profundas da arte de Caissa. No dizer de todos os mestres – é a fase mais difícil da partida de xadrez. (BECKER, 1987, p. 113).

O final é uma das partes mais delicadas do xadrez, isso se dá por muitas vezes os jogadores estarem quase sem peças, o que resulta geralmente num final de rei e peões contra rei e peões. A partir daí começa a corrida pela coroação do peão, e vence aquele que for mais hábil, que tiver uma boa estratégia, “mas a estratégia fundamental dos finais está na ação ofensiva do rei e, sobretudo, na batalha dos peões que tentam atingir a 8ª fila para serem promovidos a dama e decidindo assim, rapidamente, a partida.” (BECKER, 1987, p. 113).

O final caracteriza-se pela necessidade de cálculos precisos o que demanda uma atenção extrema a todas as possibilidades, a manutenção desses cálculos em tela e a adaptação imaginativa em função das decisões do adversário.

Considerações Finais

As funções psicológicas superiores são produto da formação cultural histórica. Ela só se deu mediante a mediação do homem com a natureza e de forma social. Pois uma criança só aprende a jogar xadrez se primeiro desenvolver suas funções psicológicas elementares e a partir daí passando para uma superação para as funções psicológicas superiores. Isso se dá na mediação com o objeto em si, no caso o xadrez e a sociedade. Pois uma criança que não tivesse o contato com a sociedade se lhe fosse entregue um tabuleiro de xadrez, nunca iria jogar o mesmo. E a criação desses objetos que são um produto cultural do homem, nos deixa cada vez mais inteligentes. Na medida que vamos criando e produzindo, essas produções nos deixam mais capacitados a criar mais objetos, que vão servir para nos deixar ainda mais sofisticados e habilitados a criar mais coisas *ad infinitum*.

Essa superação das funções psicológicas elementares, se dá mediante o contato e aprendizado com os elementos culturais complexos – no caso o xadrez. Um xeque mate do “pastorzinho” (uma “armadilha” colocada na fase de abertura), somente pode ser percebido pelo conhecimento das variantes, porém não adianta percebê-lo se não se conseguir pensar uma maneira de defender-se.

Outro ponto que mobiliza a superação é o aprendizado pelo aluno das linguagens do xadrez, como anotar, como decifrar os símbolos, saber o que significa o vocabulário usado pelos enxadristas.

Portanto uma boa partida de xadrez necessita, além dos princípios básicos que envolvem início, meio-jogo e final, uma boa estratégia, atenção memória, percepção, imaginação, linguagem. Qualidades que desencadeiam (ou podem desencadear) a superação das funções psicológicas elementares para as funções psicológicas superiores.

Referências

BECKER, Idel. **Manual de xadrez**. 19 ed. São Paulo: Ed. Nobel, 1987.

CARVALHO JUNIOR, Flavio de. **Iniciação ao xadrez**. 8 ed São Paulo: Summus, 1982.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Ed Moraes, 2004.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Ed. Cortez, 1991.